A ESTRELA DO NATAL
E A CONSTELAÇÃO ORGULHOSA
Gilson Martins
virtualbooks

A ESTRELA DO NATAL
E A CONSTELAÇÃO ORGULHOSA
GILSON MARTINS

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:
Vbooks02@terra.com.br
Estamos à espera do seu e-mail.

www.terra.com.br/virtualbooks

A ESTRELA DO NATAL
E A CONSTELAÇÃO ORGULHOSA

GILSON MARTINS

Seis estrelas se encontram em uma galáxia qualquer no infinito. As estrelas formam um semicírculo. Um pouco afastada, encolhida, está a estrela Branca. Atrás, ocupando toda a extensão, a estrela Negra. Cada qual com sua cor, representando os anos-luz de existência.

Suscitou-se entre as cinco estrelas uma contenda sobre qual delas seria a maior.

- Sou a estrela Verde. Simplesmente a mais jovem, explosiva e formosa. A força da juventude interplanetária.

- Sou a Amarela. Ninguém pode viver sem a minha presença mágica. Em torno de mim giram a terra e os outros planetas, estes astros sem luz própria. Minha luz leva oito minutos e meio para atingir a terra. Sou a claridade de cada manhã!

- Como podem percebem sou a estrela Azul. Já penetrei quase todo o universo. Jamais encontrei alguém que tenha o brilho superior ao meu!

- Eu a Vermelha, simplesmente sou a mais forte! Pelo super poder da minha cor tenho coragem de lutar e vencer a escuridão entre as galáxias. Sou a guia dos guerreiros vencedores.

- Sou a Negra. Uma estrela circumpolar de primeira grandeza, maior que o sol, que é um milhão de vezes maior que a terra dos humanos. Meu tamanho é descomunal, adornando todo o infinito. Meninas, vocês brilham sob meu corpo!

A estrela Branca continua recolhida, indiferente a arrogância das companheiras, observando um rastro luminoso de um cometa.

- E você branquinha, não fala nada? – perguntou a Vermelha.

- Além de ser a última fase de uma estrela, ainda é surda e muda! – exclamou a Verde.

- Coitadinha! Ela é tão velhinha! Perdeu toda luz, brilha menos que um vaga-lume! – disse a Negra com sua voz de trovão.

- Reaja vovozinha! – gritou a Azul.

- O seu recanto é o cemitério das estrelas decadentes. Você apagou e esqueceu de cair. – comentou a Amarela.

A Branca ergue-se e, quase chorando, com ternura diz:

- Queridas amigas, vocês têm toda razão. Já estou velha, passei por todos estágios da vida: verde, amarela, azul, vermelha e até negra! Hoje sou branca como a neve...

- O que você quer dizer, desbotada? – indignada, perguntou a Vermelha.

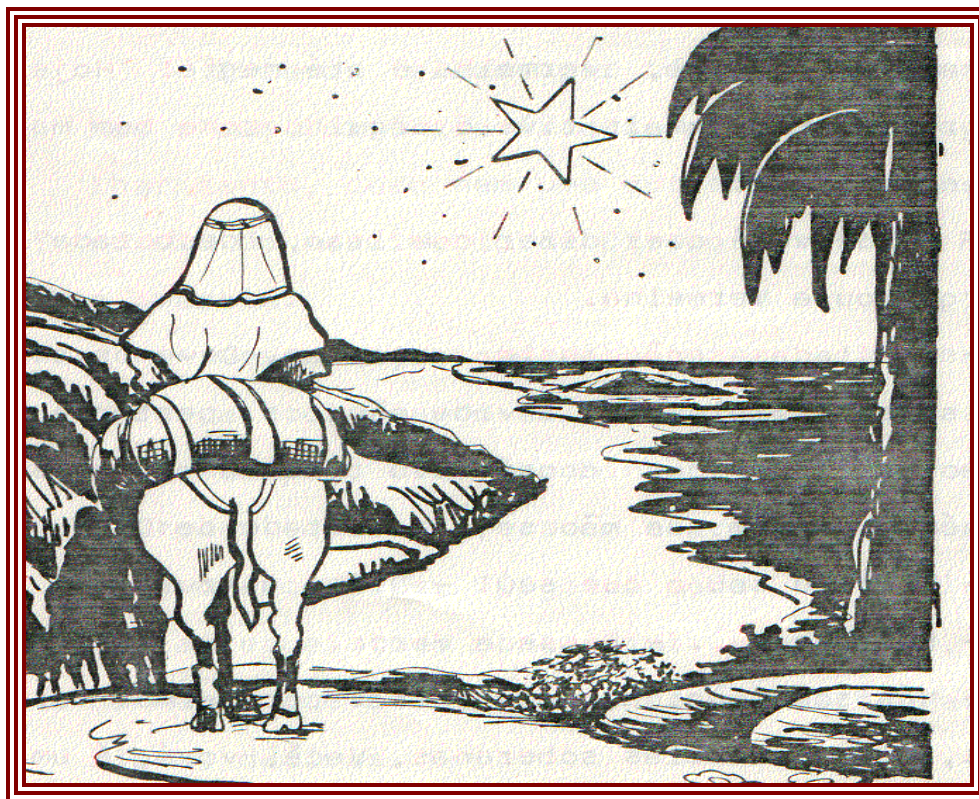
- Que todas serão assim como eu: sem combustível e não emitindo mais radiação. Infelizmente é o ciclo natural da vida.

- Pois eu sou o que quero ser, sempre azul!

- Eu também... – disse a Verde.

- Nós somos unidas e orgulhosas por sermos maravilhosas, cinco estrelas soberanas. Você é uma estrela solitária do deserto Saara. Ninguém percebe sua presença. – comentou a Negra.

- Quem é você afinal, para nos dar lição de moral? – indagou a Amarela.

- Contarei minha história: "Tendo Jesus nascido em Belém de Judéia, eis que uns magos vieram a Jerusalém. Vendo eles a estrela, alegraram-se. A estrela que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, se deteve sobre o lugar onde estava o Prometido". Entre quintilhões de estrelas, eu fui escolhida para esta missão sublime.

- Então você é a divina, a consagrada? – debochou a Amarela.

- Assim predestinou Deus... Poderia ser qualquer uma de nós, mas o Criador achou graça em mim. Assim como escolheu Maria para conceder vida ao Rei.

- Você é famosa, tem sua história narrada na Bíblia, o livro mais importante e verídico da Terra! – exclamou a Verde.

- Você quer dizer que é tudo isso e nós nada? – perguntou a Negra.

- Eu quero dizer que mesmo sendo tão diferentes, somos iguais nas mãos do Senhor do universo.

- Entendo! É a rainha da humildade! - zombou a Vermelha.

- Nós não dávamos nada por você... Achávamos, erroneamente, que não teria valor. Jamais devemos julgar o semelhante sem conhecimento. Vejo o quanto estávamos enganadas... – comentou a Azul.

- Estamos felizes por ter você ao nosso lado. Mas a sua luz é tão fraquinha! Como conseguiu brilhar tanto como nem uma outra estrela já brilhou? – perguntou a Amarela.

- Neste majestoso dia eu era a lanterna da esperança, dissipando as trevas, anunciando as boas-novas ao povo cristão. Minha luz era poderosa, um astro multicolor assim como o arco-íris. Esgotei toda força luminária, descarreguei todo potencial energético, guiando os magos que ofertaram ao rebento as mais valiosas dádivas. Eu ofertei toda minha energia.

- Em nome da nossa constelação imploramos perdão pela nossa tola maneira de falar e agir – disse a Amarela.

- Sim! Como líder, declaro nossa união, igualdade e respeito mútuo – disse a Negra.

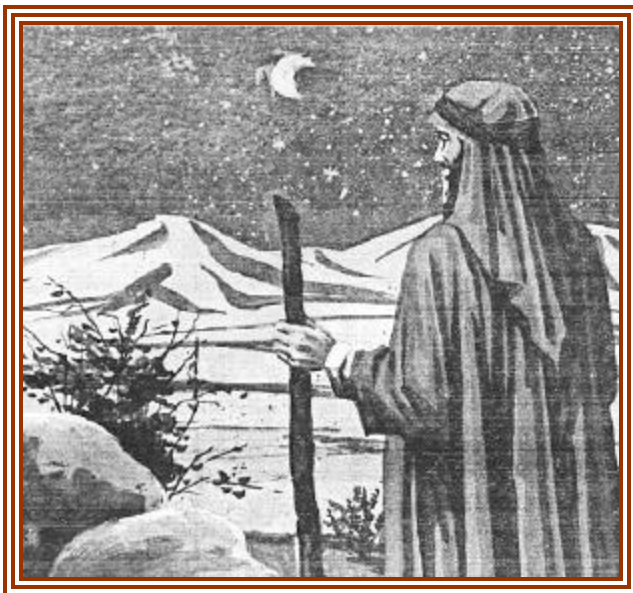
- Não há o que perdoar... A minha maior felicidade é ouví-las proclamarem tão belas palavras de amor – disse a Branca.

- Que legal! Temos em nosso meio um super star! – exclamou a Amarela.

- Alegrai-vos, temos motivos de grande júbilo! – gritou a Vermelha.

- Vamos festejar esta noite com um brilho de luzes e cores jamais visto pelos olhos humanos, com uma chuva estrelar. Afinal, hoje é natal! O mesmo que nossa querida Branca anunciou a vinte é um século passado – disse a Azul.

- Portanto, aquele que se tornar humilde como uma estrelinha, este será o maior no reino celestial – disse a Branca.

Contemplamos nas alturas não uma estrela, mas, inumeráveis exércitos de estrelas proclamando a presença de Deus. "Olha para os céus e conta as estrelas, se é que podes" (Gn 15.5).

Sobre o Autor e sua Obra

GILSON MARTINS

Nasceu em Minas Gerais a 15.07.1961. Gosta de escrever contos infanto-juvenis. Trabalhou 20 anos como Serralheiro.

No dia 29.11.1999 foi acometido de um grave acidente de trabalho. Por muito pouco não teve o braço esquerdo dilacerado por uma lixadeira. Impossibilitado para o trabalho, passa o tempo escrevendo. Na tragédia abriu-se uma porta de sonhos e imaginação sem fim. Sempre residiu em Belo Horizonte.

Para corresponder com GILSON MARTINS, escreva: gcb1@ig.com.br